

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2018-06-08

Deposited version:

Other

Peer-review status of attached file:

Unreviewed

Citation for published item:

Faria, A. M. (2006). Descolonizar o vocabulário da história?. 30 Anos do Fim do Império: Guerra, Revolução e Descolonização.

Further information on publisher's website:

--

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Faria, A. M. (2006). Descolonizar o vocabulário da história?. 30 Anos do Fim do Império: Guerra, Revolução e Descolonização.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Ana Mouta Faria
Encontro Internacional 30 Anos do fim do Império
Lisboa, ISCTE, 2006
Alocação de abertura

Descolonizar o Vocabulário da História?

Secundo as boas vindas já dadas pela presidente do Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa (CEHCP) e, antes de iniciarmos os nossos trabalhos na especialidade, queria deixar uma breve apresentação da iniciativa que agora vamos começar.

Não obstante a organização ter corrido sob a minha responsabilidade, a ideia inicial, diga-se com justiça, não me pertence. Ela partiu, de certo modo “da casa”, na medida em que foi proposta por um grupo de investigadores que então tinham finalizado, ou estavam a finalizar, as suas teses no âmbito do Mestrado de História e Relações Internacionais do departamento de História do ISCTE, sob a direcção do nosso colega, Professor Luís Nuno Rodrigues. Este e os Mestres Ana Mónica Fonseca e Daniel Marcos, aqui presentes, propuseram-se pôr frente a frente investigadores juniores com trabalhos recentes, de modo a proporcionar um debate centrado na Descolonização portuguesa, aproveitando o pretexto de se estarem completar três décadas sobre as independências políticas do último império europeu em África.

O ponto de partida foi a sua tomada de consciência de que muita investigação se produziu já nestes últimos anos, acantonada em diversas áreas do saber historiográfico, – da história política e das relações internacionais à história económica, talvez as predominantes, mas ainda de outras -, frequentemente

também dividida entre o *antes* e o *depois* das independências, e que, mesmo se ainda há muito caminho a percorrer até se esgotarem as questões em torno da saída de Portugal de África, não só é preciso, como é já possível, saltar desses compartimentos para um esforço de apreensão integradora. Isto é., de se passar à História da Descolonização. A presença de alguns especialistas sêniores no encontro foi por nós sentida como necessária, justamente pela sua produção de conhecimento em áreas-chave para esta última fase da nossa História Colonial: desde a História da Guerra Colonial à da Revolução de 1974.

Uma curta observação sobre a expressão que acabei de utilizar e que, nos dias de hoje, é intencionalmente provocadora: a *História Colonial*. Em que consiste, aplicada à história recente? No que é que ela é distinta da história dos povos que foram colonizados – e portanto das suas histórias nacionais? Fará sentido continuar a afirmar a necessidade de fazer história colonial, ou tal necessidade “caduca” com o fenómeno histórico das descolonizações? Não vou alongar-me sobre o que foi este género historiográfico no passado, desde as abordagens glorificadoras da história militar da ocupação às antropológicas que suportaram a construção de saberes essenciais à continuidade da dominação dos povos colonizados, mas, pergunto apenas, se não é hoje em dia detectável em diversas pesquisas desenvolvidas no quadro das instituições universitárias/académicas, em plena era pós-colonial, uma historiografia produzida sobretudo a partir do ângulo de observação da História da potência colonizadora, da sua dinâmica própria, e na qual são objectivamente desvalorizadas as dinâmicas específicas dessas outras histórias nacionais. É que, por vezes, é difícil fazer a distinção entre a Historiografia que *ignora* essas dinâmicas por continuar prisioneira, nos seus conceitos, dos olhares coloniais sobre os processos descolonizadores, e a Historiografia que, sem as ignorar, não privilegia a sua

abordagem, na medida em que *se foca sobretudo*, quer nas relações inter-imperiais, quer na análise aprofundada da actuação da potência colonial, assente numa multiplicidade de novas fontes até há bem pouco inacessíveis à pesquisa e, por isso, procura uma certa visão de conjunto do funcionamento do império.

Esta difícil fronteira – que implica uma atitude que designarei aqui como descolonizar o vocabulário historiográfico - deverá no entanto ser estabelecida, a bem do rigor do método historiográfico. É a tomada de consciência de que não existe uma perspectiva globalizadora sem a presença do modo como nos olhamos os outros - os que viveram conosco durante um certo tempo em relação de subordinação, e por causa dessa subordinação – que tornou óbvio o convite a colegas que estudaram o período da Descolonização nos novos países independentes, o qual foi aceite por investigadores que se têm debruçado sobre Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. Pela mesma razão, acreditamos que a história do colonialismo e da descolonização portuguesa pode continuar a fornecer importantes contribuições a essas histórias nacionais.

O que procuramos com este Encontro, em que propositadamente associamos num mesmo objecto de debate, império colonial, (a sua fase final) e nascimento de novas nações a partir do facto histórico das descolonizações, é proporcionar a aproximação entre esses diversos olhares, cientes de que, sem insistirmos nela, nem história colonial nem as histórias nacionais deste conjunto de países que formaram nos últimos 200 anos o império colonial português – incluindo naturalmente a de Portugal – poderão aspirar ao que Pierre Vilar designava como a aspiração do nosso ofício: o acesso à globalidade do real.

Como é frequente em iniciativas do género, no decurso desta preparação surgiram

pistas e temas para debate que acabaram por ficar excluídos. Pelas limitações temporais destes encontros, por impedimentos de agenda de outros colegas que, não obstante, manifestaram a sua vontade de participar, etc. Ou seja, temos plena consciência que – na tal perspectiva de integração/comparação de abordagens - ficam a faltar outras áreas temáticas, em que há importantes contribuições produzidas, e que não serão objecto de comunicações. Dois exemplos só:

- o *retorno* é apenas analisado a partir das contribuições da história moçambicana; e – mesmo se não em História - até dentro do ISCTE, houve já pesquisa desenvolvida sobre os comportamentos da população branca-europeia envolvida nesse processo (como é possível ver a partir do catálogo de existências da nossa Biblioteca que publicamos em paralelo);

- a *construção de identidades* que resultaram do império colonial – e muito diversas elas foram, desde as político-culturais (como as identidades nacionais dos países independentes) às identidades por classificação rácica, ou às identidades colonas (nas quais se misturam pertença étnica e de solo) – a construção de identidades, repito, é terreno onde não só na História como em outras Ciências Sociais se tem desenvolvido reflexão, ela também madura para discussões mais integradoras.

Estamos muito gratos a todos os conferencistas (e moderadores) que puderam estar aqui hoje e amanhã: seniores e juniores; portugueses e estrangeiros; historiadores e um sociólogo, (pois que à-partida optámos pelo terreno da História). Pela organização do encontro quero expressar igualmente o nosso reconhecimento aos que nele vêm participar como assistentes ou interlocutores – esperamos que possam enriquecer-se e enriquecer-nos através dos debates; e dizer obrigada pelo muito trabalho voluntário de antigos estudantes na preparação da iniciativa, à qual se quiseram ainda associar: um dos maiores fotógrafos

portugueses da Descolonização, através da cedência graciosa de todas as fotografias usadas na nossa publicidade; a Biblioteca, através de uma curta exposição bibliográfica sobre o tema, com edição do catálogo já referido; (que recomendo visitem durante os intervalos ou no final, já que aos sábados está fechada) e o ISCTE, naturalmente, que disponibilizou as instalações e as infra-estruturas que hoje utilizamos.

Poderão ver ainda no átrio, graças à generosidade de alguns dos participantes, informação sobre publicações africanas de pesquisa em História (e outras Ciências Sociais) que não são muito divulgadas em Portugal (mesmo se incompleta, e reduzida a dois países). Assim como esperamos ter os textos das intervenções *on-line* na página do CEHCP, dentro de 3 ou 4 semanas.

Posto isto, desejo a todos, em nome da comissão organizadora, que os trabalhos desde dia e meio sejam profícuos. As comunicações começarão já de seguida, depois de os próximos oradores ocuparem os seus lugares.

Ana Mouta Faria

PAGE

PAGE 2

